

## 1

## INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa *Aventura e Rotina*, livro central da fase lusotropicalista da obra de Gilberto Freyre. Do início dos anos 40 ao início dos anos 60, parte significativa de sua produção é voltada para a discussão dos laços culturais entre Portugal e suas colônias, e, especialmente, o lugar do Brasil nessa relação.

Neste período foram publicados os três livros mais concentrados no tema: em 1940, *O Mundo Que o Português Criou*, o primeiro a anunciar uma possível teoria sobre um “mundo” lusotropical; em 1953, *Aventura e Rotina* e *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, respectivamente, o diário sócio-antropológico de uma viagem de seis meses a Portugal e ao “Ultramar” (colônias, ex-colônias e algumas localidades que visita de passagem) a convite do governo salazarista, e as conferências proferidas ao longo dessa mesma viagem; e *O Luso e O Trópico*, de 1960, uma versão mais acabada da teoria que ele esboçou em algumas conferências de *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*.

Considerarei o lusotropicalismo como uma fase de *amadurecimento e acomodação* de conceitos. Mas isso não significa assumir que a produção desse período está descolada do restante da obra de Gilberto Freyre. Pelo contrário: sugiro que esse é um período decisivo no direcionamento da sua interpretação de Brasil. A idéia de ambigüidade original ibérica que é desenvolvida na teoria lusotropical, fortemente presente em *Aventura e Rotina*, está estreitamente conectada às resoluções das suas obras fundadoras, particularmente, *Casa-grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*.

Essa conexão pode ser entendida como uma tentativa de encontrar **pontos de equilíbrio**. Já que o esforço de Freyre por toda a viagem descrita em *Aventura e Rotina* é o de comprovar a suposição de unidade de um universo particular, além da validade de uma nova ciência que ele começava a formular, a Lusotropicologia, Portugal acaba ocupando em sua análise o lugar de uma

nação em *estado ideal de moderação*. Moderação, especialmente, em termos de absorção de novos valores e de estrangeirismos: ao identificar indícios (costumes, rituais, vestimentas, alimentação, religiosidade e mesmo mentalidade) que denunciam a ambigüidade lusitana, formada por sua vez na indefinição de uma índole eminentemente ibérica, *ou seja, em estado de transição entre o Oriente e o Ocidente*, Freyre ressalta que o que justifica a presença de várias *sub-culturas* co-existindo em harmonia, é o *equilíbrio* entre tendências diferentes.

Na viagem de *Aventura e Rotina*, Gilberto Freyre busca provar que a intensa troca de valores que ele próprio já havia desvendado ao “penetrar” no interior das casas-grandes - troca que teria sido provocada pelo contato nem sempre igualitário, mas quase sempre íntimo, entre o colonizador português, negros escravos e os nativos no Brasil - teria sido a mesma para *todo o mundo que o português criou*.

Ao verificar em cada vilarejo, restaurante ou vendedor de rua que vai encontrando, que Portugal seria menos europeu que árabe (ou mouro), tropical, africano ou asiático, ou ainda, menos puramente europeu que uma combinação de tudo isso, Freyre reforça a tese de *Sobrados e Mucambos* de que a europeização, ou a civilização, *artificial* que teria acontecido no século XIX no Brasil, teria *interrompido* um processo natural de acomodação que teria estado em curso nos nossos três séculos como colônia. É a ratificação de seu repúdio à imposição de uma realidade, política ou social, que desprezasse as continuidades dos valores simbólicos mais profundos de cada povo.

O homem triste e luxurioso de que fala Paulo Prado é re-trabalhado por ele. Mas longe de se apoiar no projeto de uma existência “carnavalesca” para o Brasileiro, e nem tão longe assim de Sérgio Buarque (afinal, para poder se superar um passado de desigualdades e clientelismo é preciso muito se observá-lo), Gilberto Freyre não busca no *além-mar* a comprovação de uma identidade que nos uniria em um grande bloco homogêneo, mas as raízes da plasticidade que alimentaria uma eterna incorporação de influências externas. E como consequência, mas não com menos importância, busca demonstrar a existência

do potencial para uma espécie de *moto-contínuo de modernidade* que seria a chave para o desenvolvimento das nações tropicais.

A *indefinição*, portanto, teria permitido não apenas que ocorressem trocas e assimilação dos mais diversos saberes, mas também a *transmissão* desta capacidade a todas as colônias, sem prejuízo pra as particularidades tanto destas províncias como para o próprio “espírito português”. A continuidade da tradição e da herança portuguesas, mesmo com a descolonização, estaria diretamente ligada a manutenção de uma complexidade psico-social (a ibérico-tropical) muito próxima à lusitana e, portanto, refratária à lógica anglo-saxã. Freyre justifica essa semelhança levantando a hipótese de que *a relação com o tempo e o trabalho* das tribos (ou das populações) de localidades tão diferentes como Goa, Macau, Moçambique, Angola, ou Guiné Bissau, é praticamente a mesma da dos países ibéricos.

Para ambos, ibéricos ou tropicais, a relação com o tempo estaria dissociada de um comprometimento com a sistematização, com o prejuízo do presente ao futuro, com o “time is money”. Estaria, isso sim, intimamente ligada ao *tempo criativo* e a concepção de uma existência *poética*, regida por mito e folclore; onde passado, presente e futuro, seriam estágios temporais intercomunicáveis.

Essas questões nos levam a concluir que no seu diário, ainda que sujeito a “devaneios especulativos”, como ele mesmo descreve, Gilberto Freyre indica o caminho para a moderação da própria idéia de cultura mestiça na sua obra, espelhado na possibilidade de moderação da cultura portuguesa. Sintomaticamente, *Interpretação do Brasil*, reunião de conferências de 1944, incorpora as resoluções do luso-tropicalismo já amadurecido e é reeditado na sua última fase, em 1971, com o nome de *Novo Mundo nos Trópicos*.

No primeiro capítulo, analiso a primeira parte do livro, que corresponde à visita de Freyre a Portugal. Tentei investigar de que forma ele busca neste país (e no “modo de estar no mundo” dos portugueses) os antecedentes para uma equivalência entre a mestiçagem sócio-cultural do Brasil e a das outras colônias.

No segundo capítulo, analiso a segunda parte da viagem e o impacto que o contato com mestiços africanos e asiáticos provoca em sua teoria de unidade.

As visitas de Freyre descritas em *Aventura e Rotina* foram sempre guiadas pelo roteiro traçado pela delegação portuguesa. Entre agosto de 1951 e janeiro de 1952, ele foi muito bem recebido por comitês que o esperavam por grande parte de Portugal (pela primeira vez no Algarve e em Trás-os-Montes, revendo o Alentejo, o Ribatejo, o Minho, o Douro; Lisboa, Porto, Coimbra e Alcobaça) e na “aventura” da África (onde visitou a Guiné “portuguesa” - hoje Bissau -, Angola, Senegal, Moçambique) da Ásia (Goa, Diu, Damão, Bombaim, Manica, Sofala) e das ilhas portuguesas (Cabo-Verde e São Tomé); não chega a visitar Macau e Timor. Os locais que freqüentou eram sempre bem apresentáveis e as visitas limitadas: isso fica subentendido nas suas anotações e é confirmado por Alberto Costa e Silva, na época diplomata em Portugal, no prefácio da edição mais recente do livro.

Mas o caráter oficial da viagem não chega a atrapalhar sua análise, até porque exatamente devido a essa “maquiagem” da realidade colonial portuguesa, ele acaba encontrando exatamente o que procurava: confirmar suposições que fundamentariam sua *lusotropicologia*. Ele chega a afirmar que sua procura é por “*explicações para costumes ou tendências que parecendo às vezes peculiares ao Brasil têm origens lusitanas*”<sup>1</sup>. Motivado por essa certeza, percebe, por exemplo, que a fala cabo-verdeana soava mais como um Português “brasileiro” do que como a língua do colonizador, que o futebol angolano, surpreendentemente, se desenvolvia usando a gíngua dos negros sul-americanos como espelho e que a compleição física e a fala dos goenses lembrava tanto a dos nossos mestiços, que não haveria como se argumentar contra a constância, apesar das diferenças, das misturas étnicas e culturais entre o luso e o trópico. Para Freyre, só a Lusotropicologia poderia dar conta de um universo com características tão peculiares e que estaria apenas começando a demonstrar seu

---

<sup>1</sup> AR, p 141.

potencial de crescimento; tanto humano quanto para o aproveitamento de recursos naturais.

Mas mesmo se pensando na *conveniência* desta teoria, creio que o mais interessante seja priorizar a *maneira* como ele a utilizava. Freyre foi um sociólogo que entendia sua área de atuação como colada à contextualização histórica e à orientação antropológica - embora até mesmo o rótulo de sociólogo evitasse -, e por isso seria leviano afirmar que ele exerceu seu papel de escritor e conferencista, na viagem de *Aventura e Rotina*, completamente cego às precariedades das colônias e ao ambiente de repressão do Portugal salazarista.

Gilberto Freyre se posicionava, estrategicamente, não fora, mas paralelamente a estas questões. Como na maior parte de sua obra, pensou a realidade com que se deparava *a partir* (e não *exclusivamente*) das relações culturais e da mestiçagem. Exatamente por este motivo, uma de suas afirmações mais recorrentes era a de que não existia democracia política sem democracia social. O que explica que tenha mantido, até o fim da vida, seu lugar de entusiasta do nosso entrosamento racial, quando comparado ao “apartheid” da África do Sul ou à democracia política norte-americana. Freyre achava, por exemplo, que a massificação deste tipo de democracia, voltada para uma nação supostamente homogênea, era um dos fatores que sustentava a segregação racial nos Estados Unidos. Posição que até hoje é pouco compreendida por alguns intelectuais; dentre eles, aqueles que valorizam na análise de sua obra uma suposta conivência com os regimes autoritários em detrimento dos novos caminhos que ele criava então para o estudo da história social da cultura.

No pouco tempo disponível para a pesquisa de mestrado, algumas questões como esta, a recepção da teoria luso-tropicalista no Brasil e em Portugal, acabaram não sendo aprofundadas. Na verdade, creio que meu esforço nessa direção não acrescentaria muito aos completos estudos que já existem sobre o tema, especialmente os de autores portugueses. Alguns desses trabalhos são comentados no segundo capítulo e foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

O estudo do universo luso-tropical, que para Gilberto Freyre era a prova cabal de uma postura frente ao *outro* própria dos ibéricos, aprofunda a idéia de singularidade e do potencial criativo provocado pela mestiçagem. A impressão que se tem é a de que, como os portugueses de *Aventura e Rotina* que descobrem continentes movidos pela “necessidade” de cultivar a saudade na volta para casa, Freyre vai até Portugal e ao além-mar buscando uma identidade que ele já sabia que não poderia ser encontrada. O elo de união entre o povo luso e os povos do Trópico estaria na capacidade - originada em um berço comum, a ambigüidade portuguesa - de serem únicos. Nesse sentido, a viagem de Gilberto Freyre se dá muito mais no *tempo* que no *espaço*.

Existe um certo consenso entre os estudiosos de Gilberto Freyre de que *Casa-Grande & Senzala* seria a “raiz” de sua obra, e os demais textos, “galhos” que prolongariam seus princípios. Creio que esta intenção de uma constante complementação, que só viria a reforçar os argumentos fundadores do seu pensamento, parece ser clara. Mas como o retorno às mesmas questões não é linear, mas cíclico, a leitura de Freyre nunca é uma repetição. Pelo contrário, trabalhando com a noção de tempo *tribio* que assimilou dos autores hispânicos na sua formação, ou seja, colocando no mesmo plano de ação passado, presente e futuro, Gilberto acaba provocando um instigante jogo de intercomunicação entre os conteúdos de seus textos. Por tudo isso, minha motivação inicial para a pesquisa foi a suposição de que, com o luso-tropicalismo, teria havido um alargamento, além de aperfeiçoamento, do seu conceito de mestiçagem. Por isso tentei, modestamente, travar um diálogo direto com *Casa-Grande & Senzala*.

*Aventura e Rotina* e *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* são feitos da mesma matéria. Mas escolhi o primeiro como objeto de estudo exatamente por ser um diário. Seria mais fácil encontrar definições da nova *ciência* de Freyre nas conferências do segundo; afinal, o ambiente oficial (prefeituras, embaixadas, clubes da elite política) onde essas palestras aconteciam forçavam sua elaboração e davam legitimidade às suas idéias. Mas se tivesse escolhido

qualquer outro livro dessa fase, acredito que teria perdido muito da combinação especial que é o conteúdo de *Aventura e Rotina*: entre as considerações pessoais e as obrigações públicas e entre o universal e o particular das anotações “etnográficas”, como o próprio Gilberto as define. Perderia, enfim, a chance de poder me debruçar sobre a liberdade com que ele se permitiu fazer um estudo sociológico pessoal, emotivo, de descrição quase que “irresponsável” nas suas imprecisões, mas ainda assim, profundo, inovador e visionário. *Aventura e Rotina* é o diário de uma viagem onde Freyre tenta exercitar a reflexão historiográfica no seu sentido mais literal, “voltando ao passado” para entender melhor o presente brasileiro.

Na tentativa de captar as sutis modificações que sofrem algumas das noções freyreanas neste período de, poderia-se dizer, *estabilização* intelectual de Freyre (vale lembrar que ele tinha 51 anos na época da viagem) usei, além do próprio *Casa-Grande*, alguns trabalhos de reflexão sobre o mesmo. Dentre eles, certamente o mais importante foi “Guerra e Paz”, de Ricardo Benzaquen de Araújo. Obviamente, o fato do autor ser meu orientador, além desta dissertação ter surgido do desejo de desenvolvimento do artigo “Castelos no Ar”, do próprio Araújo, contribuiu para a “descoberta” da sua relevância. Mas, chegando ao final do processo, posso dizer com segurança que esta constatação aconteceria independentemente de qualquer acesso a uma discussão mais pessoal. Acredito que a análise “transversal” (mesmo adjetivo que uso para definir o estilo do próprio autor pernambucano aqui nesse trabalho) que Araújo faz de *Casa-Grande & Senzala* é a única maneira de se atingir todas as categorias que interagem no estilo descritivo de Gilberto Freyre. Para o estudo de um diário de viagem, esta referência foi primordial. Espero não ter exagerado nas citações de trechos de “Guerra e Paz”, mas a referência era inevitável.

Assim como é praticamente inevitável recorrer a muitas citações de trechos de *Aventura e Rotina*. Uma particularidade de Gilberto Freyre, que se torna mais evidente em um diário, é que ele faz questão de *se explicar*. E ninguém poderia explicar Gilberto Freyre melhor do que ele próprio. Seu estilo, ousado para a época, às vezes parece um elogio aos abusos da gramática: é

repleto de redundâncias, aliteraões, pleonasmos e até paradoxos, com os quais parece se divertir, mas que nunca chegam a fazê-lo perder o foco. Isso porque Freyre se inclui como herdeiro - privilegiado, diga-se de passagem - da imprecisão que equilibra os excessos da nossa formação social.

Mas se, por um lado, não há ponto que não fique claro, reforçado, por outro, isso não significa que sua leitura possa ser direta ou literal. Seus excessos são calculados e fonte das inúmeras possibilidades de cortes epistemológicos. O estilo pictórico, visual de descrição, tem a função de retratar integralmente a diversidade do conteúdo do qual está tratando.

.....

Além da recepção ao luso-tropicalismo, fui obrigada a deixar de fora o desenvolvimento de alguns temas como a diversidade da língua portuguesa nas colônias, as particularidades da colonização lusitana no Oriente (especialmente Goa, Macau e Moçambique), o desenvolvimento da arte luso-tropical, a descolonização que já se anunciava nos anos 50 e a volta dos ex-escravos brasileiros para a África (tema que Freyre estudou em conjunto com Pierre Verger). Cada um desses temas renderia em si um trabalho extenso.

Na verdade, todos eles têm a ver com as efemérides que imediatamente me vieram à cabeça quando li *Aventura e Rotina* pela primeira vez: na época em que se completam 500 anos da chegada ao Brasil pelos portugueses e exatamente 50 anos depois da viagem de Freyre, quase todas as questões levantadas por ele neste livro continuam atuais; até porque muitas delas passaram a “existir”, em parte, graças a sua geração intelectual. Pluralidade cultural; convivência multi-étnica; identidade nacional; viabilidade da mestiçagem ou dos países de Terceiro Mundo (ou o Trópico como potência); inferioridade econômica dos países ibéricos com relação aos outros países da Comunidade Européia e a permanência de traços culturais semelhantes, em países e localidades tão diferentes como o Benin (onde a língua oficial é o



Francês, mas a religiosidade e muitas das práticas sociais são as dos “baianos” que voltaram depois de libertos<sup>2</sup>) Goa ou o Brasil são temas dos mais atuais.

A existência de um instituto como a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), apoiada pela ONU, pode ter suas tentativas de uniformização da língua questionadas, mas, a meu ver, sugere que a sobrevivência sociológica da forma de contato promovida pelos portugueses nos trópicos - ainda que não necessariamente nos moldes de um mundo de “luso-indianos”, “luso-orientais” ou “luso-angolanos”, com a presença portuguesa sempre vindo na frente, como queria Freyre - merece ser ainda muito estudada.

- Nos anos 50, com as pressões anticoloniais sobre Portugal no pós-guerra<sup>3</sup>, há uma certa imposição para a mudança de nomenclatura de expressões como “Colônias” e “Império” para “Províncias” e “Ultramar”<sup>4</sup>. Neste trabalho uso todas as formas, dependendo do peso que quis dar ou ao momento histórico em questão, mas quase sempre dei preferência à forma escolhida pelo próprio Gilberto.

---

<sup>2</sup> Muitos desses negros libertos voltavam para regiões diferentes daquelas de onde seus antepassados foram tirados para a escravidão no Brasil, e a unidade em torno de uma suposta “identidade baiana” é um mecanismo de diferenciação e sobrevivência sociológica às práticas - especialmente as religiosas, totemistas ou islâmicas- dominantes. Este tema é tratado por Freyre em *Acontece que são Baianos*, artigo de *Problemas Brasileiros de Antropologia*, e de maneira bem mais completa por Pierre Verger em alguns trabalhos, mas especialmente em “Fluxo e Refluxo - Do Tráfico de Escravos Entre O Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos”. Mais recentemente, e seguindo os passos de Verger - inclusive no estudo fotográfico - Milton Gurán explorou o mesmo tema em “Agudás: os Brasileiros do Benin”, de 1999.

<sup>3</sup> Por exigência de correção política vinda de três direções: das Nações Unidas, da oposição interna e das conferências anticoloniais.

<sup>4</sup> Almeida, 1998, p.7.

